

# PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL NA EJA: DESAFIO, COMPROMISSO E RECOMPENSA

**Karine Ferreira Sanchez**

*Professora de Artes da rede municipal de Rio Grande (E.M.E.F. PORTO SEGURO); Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal de Rio Grande – FURG. E-mail: kakasanchez\_rs@yahoo.com.br*

## RESUMO

O presente texto visa registrar a vivência da produção de vídeo estudantil, mais especificamente na modalidade EJA- Educação de Jovens e Adultos, de uma escola pública periférica do município de Rio Grande. A experiência traz duas produções, quais sejam do ano de 2015 e do ano de 2016, cujos nomes são “O Último Olhar” e “Vá em Frente!”. Neste trabalho argumento sobre a importância da realização destas produções, mesmo significando renunciar outros métodos e conteúdos da disciplina por mim trabalhada, Artes. Relato também as dificuldades, de toda ordem, que tenham sido encontradas. E investigo as possibilidades de crescimento e perpetuação da prática em minha escola, tendo em vista o êxito das propostas e o reconhecimento da comunidade escolar diante das produções concluídas. Anuncio importantes constatações de autores acerca da linguagem cinematográfica como propulsora de desenvolvimento dos sujeitos. Perpasso também questões relativas à necessidade de uma constante reciclagem da educação pública à frente das demandas massivas e massacrantes da mídia que tem atingido a maioria dos jovens.

**Palavras-Chave:** EJA. Produção Audiovisual. Experiências. Vídeo Estudantil.

## INTRODUÇÃO

Nos tempos atuais, mesmo em países subdesenvolvidos, as ferramentas para produção de audiovisual estão acessíveis como nunca antes estiveram. Entendendo audiovisual como produto com imagem e som, de preferência apresentando uma narrativa ou um testemunho acabamos por concluir que audiovisual pode ser qualquer produção cuja gravação contenha os dois registros, como o próprio nome aponta. O dispositivo comum para captação de vídeo, no entanto, é o mesmo utilizado para uma variedade de outras atividades de ordem individual do usuário, em geral o telefone celular que disponibilize toda a parafernália tecnológica, juntamente com a recriação de identidades em redes sociais, que temos visto saltar aos olhos e ouvidos todos os dias. É importante salientar aqui que essa possibilidade de audiovisual como registro de um momento não carrega em si as técnicas e a poética da construção de uma narrativa que almeje ser considerada um “filme”.

Numa era tão emergentemente digitalizada como a nossa não é de surpreender que, pelo menos para uma parte da população, um produto comum para entretenimento, formação de opinião e ensino continue a ser o audiovisual nas redes de televisão com seus filmes e programas, vídeos da internet,

dispositivos como Netflix, etc. Tendo em vista essa realidade massiva, arrebatadora, e irrefutável na prática, faz-se cada vez mais difícil fazer contato com os estudantes pelos meios tradicionais. Isso nos instiga a ceder ao “Novo”, o que também não é simples para muitos trabalhadores da educação, e mesmo para diversos estudantes. Como tudo o que é novo a entrada de novos interesses e métodos no nosso cotidiano deve ser permeada por cautela, compreensão e aprendizado.

É visível que a produção de vídeos estudantis tem se popularizado nas escolas públicas, e que a naturalização do processo está trazendo uma mudança significativa nas esferas mais íntimas da escola, como a avaliação, por exemplo. Mas o ponto mais significativo desse processo é a manutenção da motivação dos estudantes em estar e ser na escola. Numa escola que acompanhe as contemporaneidades, sabendo fazer a conexão dessas “modernizações” com o plano e trabalhos de aula, e focando em três aspectos centrais da produção de vídeo: a confiança na coletividade, o comprometimento e a importância da criação original. Em janeiro deste ano fui contemplada com a publicação de meu relato de trabalho sobre a experiência com vídeos estudantis na minha escola no decorrer de 2016.

O referido texto, intitulado “Aula de Artes para além do desenho: audiovisual na construção coletivo-colaborativa” está disponível em <http://wp.ufpel.edu.br/roquettepinto/files/2017/03/2-Karine-Produ%C3%A7%C3%A3o-de-v%C3%ADdeo-estudantil-no-Brasil.pdf>. Já no texto desenvolvido agora apresento, mais especificamente, a experiência da produção de vídeo estudantil

## EXPERIÊNCIAS PRÁTICAS NA E.M.E.F. PORTO SEGURO

Em 2015 por ocasião do II Festival de Vídeo Estudantil promovido pela parceria do curso de Cinema e Animação da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, na pessoa do Professor Josias, e a Secretaria Municipal de Educação de Rio Grande – SMEd/NTM nasceu a vontade e a possibilidade de realizar o primeiro vídeo que ganhou a proporção desejada através do próprio festival. Como minha atuação principal é na EJA da minha escola, como professora de Artes, elenquei a turma de 4ª etapa (referente a 8ª série ou 9º ano) e propus a produção do vídeo. As conversas e os preparativos tomaram mais tempo do que a produção em si, mas compreendemos que nas primeiras vezes que tentamos algo novo é natural que isso aconteça. Em 2016 repeti

com alunos da modalidade EJA - Educação de Jovens e Adultos, que pude vivenciar nos anos de 2015 e 2016. Sem dúvida o aspecto mais importante do processo de produção foi a expectativa com o produto final, e a questão da competitividade. Na pós-produção, por sua vez, o aspecto mais relevante foi a ascensão da autoestima dos estudantes.

o processo, na terceira edição do Festival, obtendo igualmente êxito no reconhecimento do nosso trabalho. Uma das adversidades no início do processo foi lidar com o fato de que não conseguimos atingir todos os alunos, alguns deles não se interessavam pela pré-produção, causando assim uma dispersão dos estudantes. Mas isso foi logo contornado com o apoio da direção da escola na colaboração de reuniões apenas com aqueles que estavam trabalhando. Acredito que para uma criação ser verdadeiramente coletiva seu conteúdo e método deve ser acordado entre todos, e cada um deve poder escolher fazer aquilo para o que se sente mais qualificado. No caso em questão, posteriormente os outros acabaram participando como atores, ou na pós-produção.

De uma forma geral sempre encontraremos algumas resistências ao novo, exemplificadas, entre outras formas, pela timidez. Além disso, na EJA é muito presente a questão da baixa autoestima, o que faz com que qualquer proposta que aparente uma certa complexidade para ser realizada seja vista como árdua e improvável. Mas logo que o material vai ganhando forma os envolvidos se tornam mais confiantes, conseqüentemente mais responsáveis, e o “filme” ganha mais organizadores. Outro desafio a ser tratado com cautela na produção de vídeo na escola, em especial na EJA, é a aceitação da possível renúncia de outros conteúdos do cronograma da disciplina. Digo “em especial na EJA” por que o calendário letivo é semestral, sendo assim naturalmente todas as disciplinas trabalham menos e/ou de forma mais apressada os conteúdos tradicionais. Quando usamos o tempo de aula para um trabalho extra estamos aceitando a ausência de várias aulas convencionais, muito embora seja possível vincular os conteúdos disciplinares nos vídeos e, claro, especialmente em Artes, ter no vídeo um produto artístico por si só.

Colocados os desafios no processo da proposição e produção dos vídeos me detenho agora aos aspectos facilitadores e que favoreceram o trabalho. Como escrevi no meu relato anterior, acima referido, é sabido

o caráter de contraposição à coletividade, companheirismo, participação, que a questão da competitividade carrega. Mas mais uma vez preciso afirmar que é evidente que esse aspecto é um dos principais propulsores para os estudantes produtores dos vídeos. A meu ver isso se torna ainda mais promissor, congruente e profícuo por se tratar de estudantes da EJA, que costumam ter também uma considerável carga de baixa autoconfiança. Dessa forma um desafio, uma oportunidade para mostrar “o seu melhor”, torna-se tão significativo que o caráter politicamente incorreto da competição se anula. Presenciamos a motivação, a potência, a verdadeira “segunda chance” que, por excelência, a modalidade da EJA deve oferecer.

Em relação à construção das histórias, evidenciadas pelos roteiros, cuja criação é dos estudantes, é notável a dramaticidade pela qual se sentem atraídos. Dessa forma a violência é muito presente na temática principal das narrativas. Observei também que essa não é uma constante específica da EJA. Em 2016 os roteiros criados pelas outras turmas de alunos regulares do turno da manhã também demonstram esse viés. Em vários vídeos de outras escolas o processo se repete. Podemos supor que a propensão da faixa etária da adolescência, juntamente com seu contexto social, colabora nessa predileção. Sabemos que algumas tendências da educação, e certamen-

te alguns eventos e festivais sobre assuntos estudantis que pregam os “bons costumes”, e a não incitação de cenas indesejáveis, por vezes acabam fugindo da realidade dos sentimentos dos jovens, de sua subjetividade, e até da objetividade, dependendo do contexto local, momento e informação que vivenciam, formando um paradigma entre a realidade e o processo de criação. O que é crucial e oportuno salientar é que, cada vez mais, a escola deve promover o debate sobre questões polêmicas, privilegiando a desalienação. Quando o indesejável é inevitável ele deve ser trabalhado pelas instâncias formais, e não deixado por baixo dos panos. Ele deve ser admitido como real, e deve promover sua própria potência de

superação, sendo trazido para problematizar e não levado a ser velado. Então se tivermos que retratar a violência, como já o fizemos, é claro que sempre de forma crítica, não nos privemos disso, apenas tenhamos cautela para proporcionar a interpretação mais correta possível de nossa narrativa.

Portanto, e mais ainda, a produção de vídeo se afirma como método de aprendizagem e de geração de debates sobre questões sociais relevantes, elevando o aspecto educativo do ponto de partida onde o estudante assiste para aprender para o ponto onde o estudante produz para ensinar, formando um processo dialógico desejável na esfera filosófica da educação de nosso tempo.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Percebemos que fazer, orientar, ensinar, acompanhar, coordenar a produção de vídeos na escola não é o mesmo que ter sua própria produção individual e independente. Várias demandas estão aí envolvidas e devem ser saciadas privilegiando, em primeiro lugar, a educação dos estudantes e não o rígido cumprimento e execução de um roteiro. Além disso, a escola possui regras próprias, horários e protocolos. Muitas vezes nossos vídeos exigem cenas externas aos muros de nossa instituição, e podemos estar lidando com jovens menores

de idade que precisarão de autorização para atividade externa à escola. Outras vezes boas ideias podem envolver custos e dificilmente encontraremos tempo e condições para buscar patrocínios. Fazer vídeo estudantil significa realizar o possível artisticamente, esculpindo nosso tempo e espaço reais, aproveitando o ensejo para promover criatividade e conhecimento, fomentando nos jovens a oportunidade de investigar e criar a partir de sua própria cultura, de sua região, de seu tempo.

Aprofundando as questões acerca

dos aspectos educativos necessários a uma saudável manutenção da prática do educador trago Freire, na obra “O Educador: vida e morte” quando fala sobre os sonhos possíveis na educação. Embora no texto que cito o tema não seja exatamente esse, ele se torna conveniente e proveitoso ao que trago aqui, pois disserta sobre a prática do educador. Ele diz: *...Uma outra pergunta que eu me venho fazendo de alguns anos para cá, se faz em torno do que eu chamo um lugar na educação ou na prática educativa para os sonhos possíveis. Corro o risco de parecer ingênuo, mas na verdade nada aí é ingênuo, eu diria a vocês. Ai de nós, educadores, se deixarmos de sonhar sonhos possíveis. E o que é que eu quero dizer com sonhar o sonho possível? Em primeiro lugar, quando eu digo sonho possível é porque há na verdade sonhos impossíveis, e o critério da possibilidade ou impossibilidade dos sonhos é um critério histórico-social e não individual (FREIRE, 1982, p.99).*

Dessa forma compreendemos que é essencial na educação o sonhar, de preferência sonhar o realizável, não por desesperança num sonho mais alto, mas por emergência. Sabemos que Freire nos orienta, a todo o momento, para uma educação libertadora, em contragosto da educação domesticadora. Ele quer nos desamarar dos métodos “bancários” de ensino-aprendizagem, e deixar clara a

impossibilidade da neutralidade na educação. A desalienação política e social dos educandos deve ser um foco de todas as disciplinas, de todo o projeto pedagógico. E a diversidade de métodos para tanto deve colaborar no processo. Nos nossos vídeos é entregue ao aluno a brecha para a criação individual e coletiva, juntamente com sugestões de temas e, ocasionalmente, um certo polimento para que a produção e o produto final, sejam por si só educativos, motivos de sonho e realização. Adapto a fala de Freire por acreditar na associação entre sua diretriz e o trabalho crítico-criativo que é a realização dos vídeos.

*O sonho viável exige de mim pensar diariamente a minha prática; exige de mim a descoberta, a descoberta constante dos limites da minha própria prática, que significa perceber e demarcar a existência do que eu chamo espaços livres a serem preenchidos. O sonho possível tem a ver com os limites destes espaços e estes limites são históricos. Por exemplo, os limites de espaços que a minha geração teve não são os limites que a geração de agora está tendo e de que eu vim participar. São outros os limites, como são outros os sonhos e alguns deles são os mesmos, na medida em que alguns problemas de ontem são os mesmos de hoje no Brasil (FREIRE, 1982, p. 100).*

Essas falas do mestre Freire nos levam a refletir e a consolar nossos anseios quando

nos jogamos ao Novo em nossa vivência na escola. Há uma série de fatores que colaboram para que as realizações de pequenos sonhos sejam possíveis, e especialmente o ato de sonhar seja possível como, por exemplo, o apoio da própria escola e dos pais de alunos. Percebo que na EJA essas condições e motivações de trabalho, fazer o diferente através do sonho, desalienar politicamente, produzir um trabalho de arte para além da arte, não é mais um "extra", tem crescido como necessidade primeira. Tanto pelo novo formato de vida dos jovens, conectados a tudo e a nada ao mesmo tempo, como pela primordialidade de estimular o aluno mais velho.

O tempo-espaço em que as notícias arrebatadoras não param de nos atravessar, tanto que por vezes parecem deixar de ser arrebatadoras, em que presenciamos profundas decepções com a humanidade, em que corremos o risco de deixar de lado a empatia, banalizando o mal, faz com que se sobressaia a imposição de se trabalhar valores de vida, liberdade e respeito. Os produtos artísticos audiovisuais que temos feito em nossa escola almejam ser mais do que narrativas dramáticas, ainda que utilizando esse recurso literário. A realidade, tal como tem se dado na educação doméstica ou escolar nos instiga a aprofundar, cada vez mais, conteúdos polêmicos e reais, abrir nossos olhos e os olhos de nossos edu-

candos, na perspectiva do desenvolvimento gradativo de crítica, ética e fraternidade. *Eu agora diria a nós, como educadores e educadoras: ai daqueles e daquelas, entre nós, que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar. Ai daqueles e daquelas que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã, o futuro, pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e agora, ai daqueles que em lugar desta viagem constante ao amanhã, se atrelem a um passado de exploração e de rotina. (FREIRE, 1982, p. 101).*

Ainda que nem sempre esteja sendo possível realizar um trabalho verdadeiramente interdisciplinar na produção dos vídeos na EJA, vale dizer que os próprios dispositivos da produção audiovisual, com a diversidade de suas etapas e as distintas necessidades de conhecimentos, técnicas e intuições instigam o atravessamento de diversas áreas do conhecimento, e o encontro de uma disciplina "dentro" da outra. Para ilustrar um conceito de interdisciplinaridade, que confirma o que temos tentado realizar na escola trago a obra "Os Sentidos da Interdisciplinaridade", do autor Humberto Calloni:

*...ainda que não possamos generalizar uma concepção de interdisciplinaridade, cujo entendimento possua um caráter de universalidade, o certo é que há uma compreensão comum, por*

*parte dos seus diversos estudiosos, da inadiável necessidade de se resgatar a comunicação, o diálogo, a relação de sentidos e significados entre os múltiplos setores do conhecimento (...) objetivando uma percepção de conjunto, de interfaces dinâmicas, de enredamento numa totalidade significativa (CALLONI, 2006, p.15).*

A possível interdisciplinaridade testemunhada na produção dos vídeos não é feita com esforço, uma vez que está intrínseca no processo. Podemos averiguar que se trabalham aspectos técnicos, artísticos, linguísticos e históricos. Mesmo assim a realização de vídeos estudantis dificilmente carrega o peso da categoria "cinema", muito mais pela dimensão do que pelo método. Entretanto, é pertinente fazermos referência a autores que tratam seriamente a temática do cinema, e encontrar neles elos com a produção na escola, não tão absurdos quanto possam parecer. O vídeo na escola tem possibilidades múltiplas, e carrega consigo alternativas e perspectivas ético-estéticas a partir da experiência vivenciada na arte do imaginário. Ao assistirmos um audiovisual emprestamos nosso tempo e atenção ao que acontece na tela, traçamos um acordo invisível entre produtor e espectador. As duas instâncias devem respeitar-se e cumprir o acordo, qual seja, o da comunicação. O alcance do vídeo, dessa forma, estimula sentimentos como o da afetividade ou da revolta, e, portanto, tam-

bém o da ética. A arte é assim responsável por parte imprescindível da constituição do sujeito. Em "A Experiência do Cinema: antologia", Xavier coloca que

*O horror que vemos nos dá realmente arrepios, a felicidade que presenciamos nos acalma, a dor que observamos nos provoca contrações musculares; todas as sensações resultantes – dos músculos, das articulações, dos tendões, da pele, das vísceras, da circulação sanguínea e da respiração – dão o sabor da experiência viva ao reflexo emocional dentro da nossa mente (XAVIER, 2008, p.43).*

Marcel Martin, autor de "A Linguagem Cinematográfica", salienta também as competências da capacidade realística do vídeo, quando diz:

*A imagem fílmica proporciona, portanto, uma reprodução do real cujo realismo aparente é, na verdade, dinamizado pela visão artística do diretor. A percepção do espectador torna-se aos poucos afetiva na medida em que o cinema lhe oferece uma imagem subjetiva, densa e, portanto, passional da realidade: no cinema o público verte lágrimas diante de cenas que ao vivo não o tocariam senão mediocramente (MARTIN, 2007, p. 25).*

Para fortalecer o vínculo sobre os aspectos relevantes da educação às possibilidades do audiovisual, centro deste trabalho, trago também o autor Jean Claude Carrière,

que tanto colaborou no seu “A Linguagem Secreta do Cinema”, para uma introdução a esse meio de arte aos não iniciados. O trecho que apresento aqui elucida a necessidade de repensar a própria linguagem audiovisual, visto que todas as linguagens podem esmaecer diante de uma sociedade que não para de se reinventar. Então também a arte deve ter a cautela, mesma da educação, para manter-se ativa, para atrair o espectador, para nele fazer alguma diferença.

*Nosso século testemunhou a invenção de uma linguagem e diariamente observa a sua metamorfose. Ver uma linguagem ganhar vida, uma verdadeira linguagem apta a dizer qualquer coisa, e participar, mesmo que como espectador, desse contínuo processo de descoberta me impressiona por ser um fenômeno singular que deveria estimular serniólogos, psicólogos, sociólogos e antropólogos. Mas talvez essa*

*linguagem tenha se tornado familiar demais para nós - muito pouco observada até - para continuar a manter nosso interesse (CARRIÉ-RE, 1995, p.48).*

A continuidade de um trabalho de produção ou apreciação de vídeo na escola não pode cair nesse desinteresse, por isso a necessidade de reinventar mecanismos, ferramentas, procedimentos e temáticas. Arrisco pensar que na escola isso se torna mais fácil do que na produção artística comercial ou de vanguarda, porque os alunos estão em constante metamorfose, e estão na escola de passagem, mais ainda na EJA com seu calendário semestral, logo vêm outros e outros e outros. A efemeridade com que trabalha o professor, quando ouve seus educandos, quando dialoga com eles, não o deixa cair na “mesmice”. A reciclagem é automática. E na produção de vídeo isso é, felizmente, inevitável.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encaminhando para o encerramento deste texto registro as sinopses dos dois vídeos curtas-metragens produzidos pelas turmas de formandos da EJA, dos dois últimos anos, e que deram origem às pretensões de solidificar a cultura da produção de vídeos estudantis nesta modalidade da escola. O ÚLTIMO OLHAR, da turma 4ª etapa da EJA, 2015,

retrata uma história de amor entre dois jovens cujas famílias não apoiavam o romance. Configurando-se como uma releitura de “Romeu e Julieta”, atualizado e regionalizado, o curta aborda a intolerância de alguns pais diante das escolhas dos filhos, o sonho romântico e a ousadia de que é capaz um amor incondicional. Revela também a violência urbana, e a

tragédia que dela pode verter. VÁ EM FRENTE, da turma 4ª etapa da EJA, 2016, revela uma história baseada em fatos reais, na qual há a superação de um jovem cheio de sonhos, porém imerso em um mundo de desmotivação, depressão e desesperança. Conflitos psicológicos e mágoas familiares o levam a uma tristeza que o impede de seguir em direção aos seus objetivos. Porém, o contato prático com o futebol renova suas expectativas e lhe dá novo gosto de viver. Passa a valorizar-se, e aceitar o carinho e apoio das pessoas. Mesmo quando parece que o pior acontece, seguir em frente é fundamental, e continuar acreditando é a única alternativa. Nosso vídeo testemunha, de certa forma, o despreparo emocional dos jovens de hoje, diante de um mundo competitivo e cheio de informações. Confirmando o objetivo da Educação de Jovens e Adultos queremos dizer que todos nós podemos! Todos nós merecemos! Neste mesmo ano (2016) demos início, em minha escola, a uma nova tradição: um festival de audiovisual interno à escola, para divulgar e estimular a produção de vídeo estudantil.

É satisfatório atestar que as produções continuam. No corrente ano, 2017, mais duas produções foram concluídas na EJA, desta vez envolvendo alunos interessados de todas as etapas (séries/turmas). Trata-se de dois documentários sobre o bairro Parque Marinha,

produtos finais propostos pelo projeto sobre mídias e meio ambiente da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Rio Grande- SMMA, aproveitando também o aniversário de 280 anos de nossa cidade. Vale salientar que nos últimos três anos no mínimo oito audiovisuais foram produzidos pela nossa escola, construídos seguindo estudos e cuidados próprios à linguagem cinematográfica, proporcionando o crescimento de um novo hábito escolar como metodologia possível e atualizada no tempo presente.

A recompensa por todos os desafios e preocupações relacionados às questões como interesse dos estudantes, prazos de finalização dos vídeos, e qualidade do produto final se perpetua a partir das Mostras e no aprendizado adquirido, tanto técnico como poético das produções que ficam disponibilizadas e podem ser copiadas e apresentadas em diversas ocasiões. Essa recompensa se dá em todos os envolvidos nos vídeos.

Podemos concluir que a produção de vídeo é uma atividade promissora para os estudantes e comunidade escolar em todas as etapas da produção, e sua continuidade na EJA tem excelente justificativa. Em nossa escola ela tem promovido compromisso, senso de coletividade, senso estético, aumento de autoestima e autoconfiança, pertencimento e respeito pelo ambiente escolar. Podemos